

KAZUO ISHIGURO

Um artista do mundo flutuante

Tradução
José Rubens Siqueira

PRÊMIO  NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1986 by Kazuo Ishiguro

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

An Artist of the Floating World

Capa

Alceu Chiesorin Nunes, adaptado de Faber and Faber

Ilustração de capa

Neil Gower

Preparação

Ana Lima Cecilio

Revisão

Jane Pessoa

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ishiguro, Kazuo

Um artista do mundo flutuante / Kazuo Ishiguro ; tradução José Rubens Siqueira. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Título original: An Artist of the Floating World.

ISBN 978-85-359-3105-1

1. Ficção inglesa – Escritores japoneses 2. Guerra Mundial, 1939-1945 – Arte e guerra – Ficção I. Título.

18-14128

CDD-823.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura japonesa em inglês 823.91

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/ciaaletras

Para meus pais

OUTUBRO DE 1948

Se, num dia de sol, você subir o caminho íngreme que sai da pequena ponte de madeira que por aqui ainda chamam de “Ponte da Hesitação”, não terá de andar muito para avistar o telhado de minha casa entre os topos de duas árvores de ginkgo. Mesmo que não ocupasse uma posição tão proeminente no morro, a casa se destacaria de todas as outras da vizinhança, de forma que, ao subir o caminho, você poderá se ver perguntando que tipo de homem rico é o dono dela.

Porém eu não sou, nem nunca fui, um homem rico. O ar imponente da casa se justifica talvez se eu informar que ela foi construída por meu predecessor e que ele era ninguém menos que Akira Sugimura. Claro, você pode ser novo na cidade, nesse caso o nome de Akira Sugimura não vai te dizer nada. Mas mencione esse nome para qualquer pessoa que viveu aqui antes da guerra e vai descobrir que, durante trinta e tantos anos, Sugimura esteve inquestionavelmente entre os homens mais respeitados e influentes da cidade.

Se eu lhe disser isso e, quando chegar ao alto do morro,

você parar e olhar o belo portão de cedro, a grande área cercada pelo muro do jardim, a cobertura com suas telhas elegantes e a cumeeira entalhada com estilo apontando para a paisagem, você pode muito bem se perguntar como eu pude comprar uma propriedade dessas, sendo, como eu digo, um homem de meios apenas medianos. A verdade é que comprei a casa por uma soma nominal — uma quantia que não era provavelmente nem metade do valor real da propriedade naquela época. E isso foi possível devido a um processo muito curioso — alguns diriam tolo — instigado pela família Sugimura durante a venda.

Isso já é coisa de uns quinze anos. Naquela época, quando minhas condições pareciam melhorar a cada mês, minha mulher começara a me pressionar para encontrar uma casa nova. Sempre previdente, ela argumentara que era importante termos uma casa à altura de nosso status — não por vaidade, mas em função das perspectivas de casamento de nossas filhas. Eu até via sentido naquilo, mas como Setsuko, nossa filha mais velha, ainda tinha apenas catorze ou quinze anos, não pensei nesse assunto com nenhuma urgência. No entanto, durante um ano talvez, sempre que ouvia falar de uma casa adequada à venda, me lembrava de tomar informações. Foi um de meus alunos quem primeiro trouxe a meu conhecimento que, um ano depois da morte de Akira Sugimura, sua casa seria posta à venda. Parecia absurdo que eu viesse a comprar uma casa daquelas e atribuí a sugestão ao respeito exagerado que meus alunos sempre tiveram por mim. Mas mesmo assim fui atrás de informações e obtive uma resposta inesperada.

Uma tarde, recebi a visita de duas senhoras altivas, grisalhas, que eram as filhas de Akira Sugimura. Quando expressei minha surpresa por receber tamanha atenção de uma família tão distinta, a mais velha das irmãs me disse friamente que não tinham vindo por mera cortesia. Que ao longo dos meses anteriores ti-

nham recebido um bom número de pedidos de informações sobre a casa de seu falecido pai, mas a família decidira recusar todos, menos quatro solicitações. Essas quatro solicitações tinham sido selecionadas cuidadosamente pelos membros da família com base exclusivamente em bom caráter e realizações.

“É de grande importância para nós”, ela continuou, “que a casa que nosso pai construiu passe para alguém que ele teria aprovado e considerado digno dela. Claro, as circunstâncias exigem que se leve em conta o aspecto financeiro, mas isso é estritamente secundário. Diante disso, definimos um preço.”

Nessa altura, a irmã mais nova, que mal tinha falado, me apresentou um envelope, e as duas observaram, sérias, enquanto eu o abria. Dentro, havia apenas uma folha de papel, em branco, a não ser por um número escrito com elegância a pincel e tinta. Eu estava prestes a expressar minha perplexidade por preço tão baixo, quando vi nos rostos diante de mim que maiores discussões sobre as finanças seriam consideradas de mau gosto. A irmã mais velha disse simplesmente: “Não será interessante para nenhum de vocês tentar propor mais que o outro. Não estamos interessados em receber nada além do preço citado. O que vamos fazer daqui para a frente é realizar um leilão de prestígio”.

Elas tinham vindo pessoalmente, explicaram, para pedir formalmente, em nome da família Sugimura, que eu permitisse — ao lado, é claro, dos outros três pretendentes — uma investigação mais detalhada de meu passado e credenciais. Assim seria escolhido o comprador adequado.

Era um procedimento excêntrico, mas não vi nele nenhuma objeção; afinal, era a mesma coisa que estar envolvido numa negociação de casamento. Na verdade, eu me sentia um tanto lisonjeado por ser considerado um candidato digno da parte de uma família tão antiga e exigente. Quando dei meu consentimento para a investigação e expressei a elas minha gratidão, a

irmã mais nova se dirigiu a mim pela primeira vez e disse: “Nosso pai era um homem culto, sr. Ono. Tinha muito respeito por artistas. Na verdade, ele conhecia o seu trabalho”.

Nos dias seguintes, fiz eu mesmo algumas investigações e descobri o que as palavras da irmã mais nova queriam dizer; Akira Sugimura tinha de fato sido um entusiasta das artes, e em diversas ocasiões financiara exposições de arte. Descobri também rumores interessantes: uma parte significativa da família Sugimura parecia ter se oposto absolutamente à venda da casa, e aconteceram acerbadas discussões. Por fim, as pressões financeiras tornaram a venda inevitável, e o estranho procedimento em torno da transação representava as condições daqueles que não queriam que a casa saísse da família. Era inegável que havia algo de arrogância nesses arranjos, mas de minha parte eu estava disposto a entender os sentimentos de uma família com uma história tão distinta. Minha esposa, porém, não aceitou bem a ideia de uma investigação.

“Quem eles pensam que são?”, ela protestou. “Nós devíamos dizer que não queremos nada com eles.”

“Mas qual é o problema?”, observei. “Não temos nada a esconder. É verdade, não venho de família rica, mas sem dúvida os Sugimura já sabem disso, e mesmo assim nos consideram candidatos dignos. Eles que investiguem, só vão encontrar coisas vantajosas para nós.” E fiz questão de acrescentar: “De qualquer forma, não vão fazer nada além do que fariam se estivéssemos negociando um casamento com eles. Vamos ter de nos acostumar com esse tipo de coisa”.

Além disso, havia, sem dúvida, muito a admirar na ideia de “um leilão de prestígio”, como dissera a irmã mais velha. É até de imaginar por que as coisas não são resolvidas por esse meio mais vezes. Como é muito mais honrosa uma disputa em que são levadas em conta a conduta moral e as realizações em vez

do tamanho da bolsa. Ainda me lembro da profunda satisfação que senti quando soube que — depois da mais minuciosa investigação — os Sugimura tinham considerado a mim o mais digno da casa que tanto amavam. E sem dúvida essa casa merece que se tenha sofrido alguns inconvenientes; apesar do exterior grandioso, imponente, por dentro é um lugar de madeiras naturais delicadas, escolhidas pela beleza de seus veios, e todos nós que vivemos nela viemos a considerá-la muito propícia para calma e relaxamento.

Apesar de tudo isso, a arrogância dos Sugimura se revelou durante toda a transação, e alguns membros da família não faziam a menor tentativa de disfarçar a hostilidade que sentiam por nós, e um comprador menos compreensivo poderia ter se ofendido e abandonado a coisa toda. Mesmo em anos posteriores, eu às vezes encontrava por acaso algum membro da família que, em vez da conversa polida usual, ficava lá parado na rua me interrogando sobre o estado da casa e quaisquer alterações que eu tivesse feito.

Hoje em dia, raramente escuto falar dos Sugimura. Porém, logo depois da rendição, recebi a visita da mais nova das duas irmãs que haviam me abordado na época da venda. Os anos de guerra a tinham transformado em uma velha magra e doente. Com os modos característicos da família, ela não fez nenhum esforço para esconder o fato de que sua preocupação era com a maneira como a casa — e não seus moradores — havia enfrentado a guerra; ela apresentou apenas a menor das comerações ao saber de minha esposa e de Kenji, antes de partir para perguntas a respeito dos danos da bomba. Isso, de início, me indispsôs com ela; mas então comecei a notar como seus olhos passeavam involuntariamente pela sala, como de vez em quando ela parava de repente no meio de uma de suas frases comedidas e formais, e me dei conta de que lhe vinham ondas de emoção por se en-

contrar de volta a esta casa. Então, quando suspeitei que a maior parte de sua família da época da venda estava morta agora, comecei a sentir pena dela e me ofereci para lhe mostrar tudo.

A casa recebera a sua cota de danos de guerra. Akira Sugimura havia construído uma ala leste, composta por três quartos grandes, ligados ao corpo principal da casa por um longo corredor paralelo a um dos lados do jardim. A extensão desse corredor era tão extravagante que algumas pessoas sugeriam que Sugimura o construísse — junto com a ala leste — para seus pais, que desejava manter à distância. O corredor era, de qualquer forma, um dos aspectos atraentes da casa; à tarde, toda a sua extensão era banhada pelas luzes e sombras da folhagem externa, de forma que era como se passássemos por um túnel ajardinado. O grosso de danos da bomba tinha sido nessa parte da casa, e quando a observamos do jardim, vi que a srta. Sugimura estava perto das lágrimas. Nessa altura, eu havia perdido toda a minha irritação inicial com a velha senhora e garanti a ela, da melhor maneira possível, que os danos seriam reparados na primeira oportunidade e a casa ficaria de novo como seu pai a havia construído.

Quando prometi isso a ela, não fazia ideia de como os materiais ficariam escassos. Durante um longo período depois da rendição, era preciso esperar semanas por uma única peça de madeira específica ou um suprimento de pregos. O trabalho que eu podia fazer nessas circunstâncias tinha de ser restrito ao corpo principal da casa — que de forma alguma havia escapado inteiramente dos danos —, e o progresso no corredor do jardim e na ala leste tem sido lento. Fiz o que pude para evitar qualquer deterioração mais séria, porém ainda estamos longe de conseguir abrir de novo essa parte da casa. Além disso, agora que só sobramos Noriko e eu aqui, parece haver menos urgência em ampliar nosso espaço.

Hoje, se eu levar alguém aos fundos da casa e afastar a cortina pesada para que veja o que resta do corredor do jardim de Sugimura, ainda se teria uma impressão de como era bonito. Mas sem dúvida se notam também as teias de aranha e o mofo que não tenho conseguido evitar; e as grandes aberturas no teto, protegidas do céu apenas por lona impermeável. Às vezes, de manhã cedinho, afasto a cortina e encontro o sol se derramando entre as lonas em raios coloridos, revelando nuvens de poeira no ar como se o teto tivesse acabado de cair naquele instante.

À parte o corredor e a ala leste, os danos mais sérios foram na varanda. Membros de minha família, principalmente minhas duas filhas, sempre gostaram de passar tempo ali, conversando e olhando o jardim, e assim, quando Setsuko — minha filha casada — veio nos visitar logo depois da rendição, não fiquei surpreso de ver como ela se entristeceu com o estado em que estava. Na época, eu havia reparado o pior dos danos, mas numa ponta a varanda ainda estava ondulada e rachada, onde o impacto da explosão havia empurrado as tábuas de baixo para cima. O telhado ali também havia sofrido e em dias chuvosos ainda precisávamos enfileirar recipientes no piso para captar a água das goteiras.

Ao longo deste último ano, porém, consegui fazer algum progresso, e quando Setsuko veio nos visitar de novo, no mês passado, a varanda estava quase toda restaurada. Noriko tirara uma folga do trabalho para a visita da irmã e então, como o tempo continuava bom, as duas passaram muito tempo ali, como antigamente. Eu ficava com elas muitas vezes, e outras era quase como tinha sido anos atrás quando, num dia de sol, a família sentava ali para conversas relaxadas e sem importância. A certa altura do mês passado — deve ter sido na primeira manhã depois que Setsuko chegou — estávamos sentados na varanda depois do café da manhã e Noriko falou:

“Estou aliviada por você finalmente ter vindo, Setsuko. Vai tirar um pouco o papai das minhas mãos.”

“Noriko, o que é isso...” A irmã se ajeitou, desconfortável, na almofada.

“Papai exige uma porção de cuidados agora que se aposentou”, Noriko continuou, com um sorriso malicioso. “Precisa ser mantido ocupado senão começa a se lastimar.”

“Por favor...” Setsuko sorriu, nervosa, e virou-se para o jardim com um suspiro. “O bordo parece completamente recuperado. Está lindo.”

“Setsuko não deve fazer a menor ideia de como o senhor está hoje em dia, pai. Ela só se lembra de quando era um tirano, nos dando ordens. O senhor está muito mais calmo agora, não é verdade?”

Dei risada para mostrar a Setsuko que era tudo brincadeira, mas minha filha mais velha continuou parecendo incomodada. Noriko virou para a irmã e acrescentou: “Mas ele exige muito mais cuidados, se lamentando pela casa o dia inteiro”.

“Ela está falando bobagem, como sempre”, interferi. “Se eu passo o dia inteiro me lamentando, quem foi que fez esses consertos?”

“É verdade”, Setsuko falou e olhou para mim com um sorriso. “A casa está maravilhosa agora. Pai, o senhor deve ter trabalhado muito.”

“Ele chamou trabalhadores para ajudar nas partes mais difíceis”, Noriko disse. “Parece que você não acredita em mim, Setsuko. Papai está muito diferente agora. Não precisa mais ter medo dele. Está muito mais manso e domesticado.”

“Noriko, por favor...”

“Ele até cozinha de vez em quando. Você não acredita, não é? Mas papai está cozinhando muito melhor agora.”

“Noriko, acho que chega dessa conversa”, Setsuko disse, baixo.

“Não é mesmo, pai? Você não está melhorando?”

Dei outro sorriso e sacudi a cabeça, cansado. Pelo que me lembro, foi nesse ponto que Noriko virou-se para o jardim, fechou os olhos para o sol e disse:

“Bom, ele não pode esperar que eu volte e cozinhe quando me casar. Terei muito o que fazer para ficar cuidando do papai também.”

Quando Noriko disse isso, a irmã mais velha — cujo olhar até agora estivera recatadamente voltado para outro lado — olhou para mim depressa, com ar interrogativo. Seus olhos se afastaram de imediato, porque foi obrigada a retribuir o sorriso de Noriko. Mas uma nova inquietação, mais profunda, tinha penetrado as maneiras de Setsuko e ela pareceu grata quando seu filhinho passou correndo pela varanda e lhe deu a oportunidade de mudar de assunto.

“Ichiro, por favor, sossegue!”, ela gritou para ele.

Claro que, acostumado com o apartamento moderno dos pais, Ichiro estava fascinado com os amplos espaços de nossa casa. De qualquer forma, ele não parecia disposto a repartir conosco o prazer de sentar na varanda e preferia correr velozmente por toda sua extensão e escorregar às vezes pelas tábuas polidas. Mais de uma vez quase derrubou nossa bandeja de chá, porém, até agora não tinham surtido efeito os pedidos da mãe para que se sentasse. Também dessa vez, quando Setsuko o chamou para sentar conosco na almofada, ele ficou amuado num canto da varanda.

“Venha, Ichiro”, eu chamei, “estou cansado de ficar conversando com mulheres o tempo todo. Venha cá, sente do meu lado e vamos ter uma conversa de homens.”

Isso o trouxe imediatamente. Ele pôs sua almofada ao lado da minha, sentou-se na mais nobre das posições, mãos nos quadris, os ombros para trás.

“Oji”, ele disse, firme, “quero perguntar uma coisa.”

“Claro, Ichiro, o que é?”

“Quero saber do monstro.”

“Monstro?”

“É pré-histórico?”

“Pré-histórico? Você já sabe palavras assim? Deve ser um menino inteligente.”

A essa altura, a dignidade de Ichiro pareceu ceder. Ele abandonou a pose, rolou de costas e sacudi as pernas no ar.

“Ichiro!”, Setsuko exclamou num sussurro urgente. “Se comportar mal assim na frente do seu avô. Sente direito!”

A única reação de Ichiro foi deixar os pés caírem, moles, sobre as tábuas do piso. Então cruzou os braços no peito e fechou os olhos.

“Oji”, disse, com voz sonolenta, “o monstro é pré-histórico?”

“Que monstro é esse, Ichiro?”

“Por favor, desculpe o menino”, disse Setsuko, com um sorriso nervoso. “Havia um cartaz de filme na parede de fora da estação de trem quando nós chegamos ontem. Ele importunou o motorista do táxi com muitas perguntas. Pena que eu não tenha visto o cartaz.”

“Oji! O monstro é pré-histórico ou não é? Quero saber!”

“Ichiro!” A mãe olhou para ele, horrorizada.

“Não tenho certeza, Ichiro. Acho que temos de ver o filme para descobrir.”

“Então quando vamos ver o filme?”

“Hum. Melhor discutir isso com sua mãe. Nunca se sabe, pode ser muito assustador para crianças pequenas.”

Não tive a intenção de fazer uma observação provocadora, mas o efeito que teve sobre meu neto foi surpreendente. Ele rolou de volta, sentou-se, e me lançou um olhar furioso: “Como assim? O que você disse?”.

“Ichiro!”, Setsuko exclamou, desalentada. Mas Ichiro continuou olhando para mim com ar feroz, e sua mãe foi obrigada a se levantar de sua almofada e vir até nós. “Ichiro!”, ela sussurrou, e sacudiu o braço dele. “Não encare seu avô desse jeito.”

A reação de Ichiro foi se deitar de costas outra vez e sacudir as pernas no ar. Sua mãe me deu outro sorriso nervoso.

“Tão malcriado”, ela disse. Então, sem saber mais o que dizer, sorriu outra vez.

“Ichiro-san”, disse Noriko, pondo-se de pé, “por que não vem me ajudar a tirar as coisas do café da manhã?”

“Trabalho de mulher”, Ichiro disse com os pés ainda balançando.

“Então Ichiro não vem me ajudar? Então vai ser um problema. A mesa é tão pesada que eu não tenho força para tirar sozinha. Quem será que vai me ajudar então?”

Isso fez Ichiro levantar-se abruptamente e entrar correndo sem olhar para nós. Noriko riu e entrou atrás dele.

Setsuko olhou os dois, depois ergueu o bule de chá e completou minha xícara. “Eu não fazia ideia de que as coisas tinham chegado a esse ponto”, disse ela, em voz baixa. “Falo das negociações do casamento de Noriko.”

“As coisas não estão nada adiantadas”, eu disse, e sacudi a cabeça. “Na verdade, não está nada certo. Ainda estamos nos primeiros passos.”

“Desculpe, mas pelo que Noriko acabou de falar, achei naturalmente que as coisas estavam mais ou menos...” Ela se interrompeu, depois falou de novo: “Desculpe”. Mas disse isso de tal forma que ficou uma pergunta parada no ar.

“Acho que não é a primeira vez que Noriko fala assim”, eu disse. “Na verdade, ela tem tido um comportamento estranho desde que começaram as negociações. Semana passada, o sr. Mori veio nos visitar. Você se lembra dele?”